

# *A figuração fantástica em A* *Rainha do Ignoto (1899) de* *Emília Freitas*

Ana Paula Araújo dos Santos<sup>9</sup>

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

## **Resumo**

O presente trabalho pretende empreender uma leitura que contemple os aspectos insólitos e sobrenaturais do romance *A Rainha do Ignoto*, publicado pela primeira vez em (1899), pela escritora Emília Freitas. Embora seja ambientado no interior do Ceará, e eventualmente aborde questões sociais, o predomínio de situações sobrenaturais e insólitas é a tônica dessa narrativa. Por esse motivo, o romance pode ser considerado uma das obras seminais da literatura fantástica de autoria feminina no Brasil, e, também, uma das primeiras a flertar com a ficção científica e as utopias em nosso país. Acreditamos que uma análise minuciosa do livro de Freitas deve obrigatoriamente se valer das teorias do fantástico. Assim, buscaremos unir a nossa leitura do romance aos mais recentes esforços que procuram empreender uma identificação dos aspectos insólitos e sobrenaturais do romance de Freitas. Pretendemos nos focar sobretudo na construção da protagonista, Diana, como uma personagem arquetípica da literatura fantástica, de modo que seja perceptível como seu comportamento misterioso, quase sobrenatural, contribui na caracterização de *A Rainha do Ignoto* como uma obra pertencente a essa tradição.

## **Palavras-chave**

Narrativa. Século XIX. Literatura fantástica. Rainha do Ignoto. Emília Freitas.

---

<sup>9</sup> Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

## **Introdução**

Em seu estudo sobre a produção ficcional brasileira do período de 1870 a 1920, a historiógrafa Lúcia Miguel Pereira (1988, p. 259) comenta que “[e]mbora tivesse, ainda no século dezoito, tido em Margarida da Orta e Silva uma precursora, a ficção não conta entre nós, no período aqui estudado, muitas mulheres”. O levantamento feito por Pereira revela o nome de apenas doze escritoras. Dentre estas, um número ainda menor representa as mulheres cujas obras resistiram ao tempo e conseguiram chegar até nós. Diante desses dados, a historiógrafa adverte:

(...) temos que aceitar como definitivo o juízo dos contemporâneos, tácito no silêncio que se fez em torno da maioria dessas escritoras, registradas tão-somente por sacramento Blake. E mesmo a uma ou outra lembrada pelos críticos do momento, como Adelina ou Gorgeta de Araújo, não se pode dar lugar na história (PEREIRA, 1988, p. 259).

O silêncio legado às escritoras do século XIX caracteriza um meio literário avesso à escrita feminina. Suas obras ora foram severamente criticadas, ora completamente ignoradas, e caíram no ostracismo. Seus nomes não são mencionados em nossos manuais de literatura e muitos deles sequer foram registrados em nossa história literária.

A cearense Emília Freitas (1855-1908) é um exemplo dessas mulheres “desconhecidas” que escreveram no Brasil do século XIX. Seu principal romance, *A Rainha do Ignoto*, publicado em 1899, foi redescoberto e reeditado somente em 1980 – oito décadas depois de seu desaparecimento (cf. DUARTE, 2003, p. 9).

Nesse romance, Freitas narra a complexa história de uma utópica sociedade matriarcal em que as mulheres, lideradas por Diana, a Rainha do Ignoto – também conhecida pela alcunha de Funesta –, exercem livremente as funções sociais tradicionalmente atribuídas aos homens e combatem a opressão feminina. A escritora utiliza-se da maquinaria gótica para conferir um aspecto sobrenatural à líder dessa sociedade – que assemelha-se a um fantasma ao longo de toda a narrativa –, e, também, de elementos fantásticos e insólitos que aproximam o Reino do Ignoto e a sua líder às lendas e aos mitos. Ao utilizar essas características, o romance filia-se não à tradição realista da literatura, mas à ficção gótica e à ficção fantástica. Prova disso é o subtítulo da obra, “romance psicológico”, que Zahidé Muzart (2008, p. 304) aponta como sendo o

modo pelo qual Freitas desejava diferenciar *A Rainha do Ignoto* das obras de cunho realista.

Sendo um romance de autoria feminina que destoava abertamente da poética realista, a obra sofreu um duplo preconceito: enfrentou a um só tempo a resistência do meio literário quanto ao gênero de sua autora e as críticas hostis aos influxos góticos e fantásticos de sua obra. Como exemplo do primeiro, Freitas combateu ativamente a censura imposta à escrita feminina. Constância Lima Duarte (2003, p. 13) chama atenção para as frequentes súplicas da escritora para angariar o devido respeito a essa ficção. Já no que diz respeito ao segundo, podemos citar a crítica de Abelardo Montenegro (1953, p. 76-7), que taxa *A Rainha do Ignoto* de um “dramalhão inverossímil” em que “o romantismo atinge as raias do delirante”.

Esse tipo de crítica não era incomum à época, afinal, as tradições às quais está filiada *A Rainha do Ignoto*, isto é, a ficção gótica e a fantástica, possuem em comum o fato de serem consideradas ficção de entretenimento, e, por conta disso, entendidas como um tipo de literatura de menor valor e postas à margem do nosso cânone literário. Júlio França (2017, p. 27) aponta que

Uma das razões para o apagamento do Gótico em nossa tradição literária estaria no fato de que a crítica literária brasileira dos séculos XIX e XX sempre privilegiou o caráter documental da literatura em detrimento do imaginativo, favorecendo obras realistas e aquelas explícita e diretamente relacionadas às questões de identidade nacional (...).

Embora reflita especificamente sobre a tradição gótica, o comentário é igualmente válido para qualquer tipo de ficção que privilegiasse o imaginativo em detrimento do realismo. A obsessão da nossa crítica e da nossa historiografia pelos problemas de cunho social e pelas questões de identidade nacional fez com que grande parte da literatura brasileira que não se encaixava nessa prescrição fosse severamente criticada, quando não completamente obliterada do nosso cânone. Para Murilo Garcia Gabrielli (2004, p. 133), ocorreu, em nossa literatura, uma espécie de obstrução à ficção fantástica, imaginativa, não-realista:

Pode-se, assim, formular a hipótese de que a proscrição da incerteza na literatura brasileira é oriunda de uma fase de afirmação nacional em que uma poética da certeza foi construída, com finalidade doutrinária, por nossos românticos. Tal poética, consolidada no momento referido, se teria enraizado

entre nós de modo tão profundo que, ao longo de todo o século XX, não obstante o surgimento de diversas orientações de vanguarda atuantes a partir do Modernismo da década de 1920, permaneceria em posição hegemônica, a ponto de se transformar numa espécie de traço-chave da fisionomia geral da literatura brasileira.

Embora *A Rainha do Ignoto* seja ambientado no interior do Ceará, e eventualmente aborde questões sociais, o predomínio de situações sobrenaturais e insólitas é a tônica da narrativa. Por esse motivo o romance pode ser considerado uma das obras seminais da literatura fantástica de autoria feminina no Brasil, e, também, uma das primeiras a flertar com a ficção científica e as utopias em nosso país (cf. DUARTE, 2003).

Graças ao resgate dessa obra, pesquisadores como Otacílio Colares (1980), Luís Filipe Ribeiro (1989), Constância Duarte (2003) e Alcilene Cavalcante (2008), entre outros, têm se esforçado para analisar *A Rainha do Ignoto* sob a perspectiva da literatura fantástica e de suas variantes. O presente trabalho pretende unir-se a esses esforços ao empreender uma leitura que contemple os aspectos insólitos e sobrenaturais do romance de Freitas. No entanto, pretendemos nos focar mais especificamente na construção da protagonista, Diana, como uma personagem arquetípica da literatura fantástica, de modo que seja perceptível como seu comportamento misterioso, quase sobrenatural, contribui na caracterização de *A Rainha do Ignoto* como uma obra pertencente a essa tradição.

## **1 O fantástico na lenda da Funesta**

Ao analisar o fantástico nas narrativas contemporâneas, Renato Prada Oropeza (2006, p. 76) afirma que o insólito surge ao deturpar os “eixos” das categorias narrativas – o tempo, o espaço, o personagem, a ação – provocando, dessa forma, uma sensação de incerteza no que antes poderia ser considerado uma representação verossímil do mundo.

Outros teóricos estudiosos da literatura fantástica apresentam ideias semelhantes à teoria de Prada Oropeza. Como argumenta Flávio García (2016, p. 32), há uma corrente de críticos para quem

o elemento central e característico da configuração semiótica dos novos discursos fantásticos seria a manifestação do insólito – ainda que nem sempre empregue esse mesmo termo – na composição de uma ou mais categorias básicas da narrativa – personagem, tempo, espaço ou ação –, promovendo fissuras, fraturas ou rupturas em relação às expectativas que se têm frente aos protocolos ficcionais do sistema semionarrativo literário real-naturalista – entronizado após o triunfo do Romantismo sobre outras poéticas, estéticas, escolas.

Nestes termos, podemos considerar que tempos conflitantes, multiversos, fantasmas, mortos-vivos e outros monstros, bem como ações misteriosas e sobrenaturais são exemplos ficcionais desse rompimento do real e da conseqüente instauração de um tempo, de um espaço, de personagens e de ações insólitas que configuram uma narrativa fantástica.

Em *A Rainha do Ignoto* o insólito está atrelado à categoria da personagem, mais especificamente à misteriosa protagonista do romance. Isso porque Diana não foi idealizada de acordo com os moldes realistas, verossímeis – pelo contrário, ela foi arquitetada de modo a parecer uma personagem fantasmagórica, mítica, uma lenda, isto é, uma personagem fantástica. A esse respeito é interessante analisar o comentário de Freitas sobre as características de sua Rainha do Ignoto:

Tenho certeza de que alguns ou quase todos os que lerem este livro hão de achar a sua protagonista demasiadamente extravagante. Mas, se considerarem nos gênios, que são verdadeiras aberrações da natureza, seja o desvio para sumo bem ou sumo mal, verão que a Rainha do Ignoto não é na realidade um gênio impossibilitado que, passando para o campo da ficção encontrou os meios de realizar os caprichos de sua imaginação raríssima e da propensão bondosa de seu extraordinário coração.

(...)

O feito de Joana D'Arc é um fato que passou para o domínio da história. Mas não nos parece ele uma lenda? Hoje com mais razão podemos nos apoderar do inverossímil; pois estamos na época do Espiritismo e das sugestões hipnóticas nas quais fundamentei meu romance (FREITAS, 2003, p. 29-30).

No excerto, Freitas antecipa o julgamento daqueles que achariam as ações de sua heroína um desvio da norma. Diana pode ser facilmente entendida como uma personagem extravagante, uma aberração. Seu comportamento e suas ações rompem

com as expectativas do leitor, pois se assemelham mais às de uma assombração do que as de um ser humano. É dessa forma que ela é apresentada logo no início do romance sob a alcunha de Funesta, a moça encantada da Serra do Areré, cujo pacto com o demônio seria responsável por trazer todo tipo de desgraça ao povoado do Jaguaribe, no interior do Ceará:

- (...) aquela é a serra do Areré; mas é encantada, ninguém vai lá.  
– Ninguém! Por que? Disse Edmundo com espanto.  
– Porque se for não voltará mais; dizem que tem uma gruta, onde mora uma moça encantada numa cobra, que à noite sai pelos arredores a fazer distúrbios.  
– E acredita nessas bruxarias, Valentim?  
– Ora se acredito; minha avó também não acreditava, assim como o senhor, mas agora está certa e mais que certa da verdade. Uma noite destas, viu, ela mesma, descer da serra e passar cantando pela estrada uma moça bonita, vestida de branco. E o senhor quer saber? Ia seguida pelo diabo, um moleque preto de olhos de fogo, com uma cauda comprida, que arrastava no chão!  
– Isto é sério, Valentim?  
– Ora se é, ela trazia também um cachorro preto que dava ondas à claridade da lua! Minha avó quase morreu de medo (...) (FREITAS, 2003, p. 32).

É pela perspectiva do Dr. Edmundo, o herói da narrativa, que somos apresentados à misteriosa Funesta. Vindo da cidade, Edmundo encara as histórias que circulam entre a população local como superstição, bruxaria, isto é, como um “causo” do interior, sem qualquer valor verídico. Porém, Valentim, seu interlocutor, não mede esforços para demover a descrença de Edmundo e alertá-lo que a mulher teria um pacto com o Diabo e que, por isso, ela causaria desgraças a todos que ousavam se envolver com ela (cf. FREITAS, 2003, p. 33).

Esse diálogo traz um embate comum das narrativas fantásticas: de um lado, Edmundo, o advogado culto, proveniente da cidade, assume a função de discurso de autoridade, defendendo a razão em detrimento das superstições locais; de outro, o relato de Valentim, morador do local e conhecedor de suas peculiaridades, assume uma função testemunhal, uma vez que seus parentes teriam presenciado a insólita aparição da Funesta e de seu séquito (cf. FURTADO, 2017, p. 94). Esse confronto ideológico entre ambas as personagens é fundamental para a construção da protagonista de *A Rainha do Ignoto* como personagem insólita, afinal, ele suscita no leitor a dúvida – ou hesitação – comumente entendida como um traço basilar das narrativas fantásticas (cf. FURTADO, 1980, p. 135; SILVA, 2017, p. 234; TODOROV, 2007). Seria a Funesta uma

superstição, como defende o Dr. Edmundo? Ou seria a moça encantada real, como argumenta Valentim?

A busca pela solução dessa ambiguidade será responsável pelo desenvolvimento da trama construída por Freitas em seu romance. Para o cético Edmundo, averiguar a lenda torna-se uma distração para a monotonia da vida no interior. Em sua obsessão, ele acaba por deparar-se com a assombração. Esse encontro ocorre em um cenário arquitetado de modo a intensificar o caráter sobrenatural da Funesta:

A solidão era completa, o silêncio era profundo!  
Nem o vento movia os ramos das árvores. Elas se levantavam do meio da sombra projetada pela copa, como espectros cismadores.  
De repente, soou ao longe uma voz doce e triste entoando uma canção francesa (...).  
Deslizando mansamente pelo rio, vinha de longe um pequeno bote; era dele que partia o som melancólico da harpa e as estrofes saudosas da canção (...)  
(FREITAS, 2003, p. 34).

Tal como outras obras da literatura fantástica, a de Freitas utiliza-se de um *locus horribilis* tipicamente gótico para intensificar os efeitos do medo suscitados pela narrativa (cf. FRANÇA, 2017, p. 24). A Funesta surge em um local sombrio, ermo e silencioso, onde a natureza assume um ar espectral. Tal ambiente gótico torna propícia a aparição fantasmagórica da moça encantada, contribuindo, dessa forma, para instaurar a dúvida e propiciar um sentimento de assombro, e demover o ceticismo de Edmundo. Ele primeiro ouve uma voz melancólica, e, assustado, depara-se, em seguida, com o que parece o misterioso espectro de uma mulher:

Ela vestia de branco, tinha os cabelos soltos e a cabeça cingida por uma grinalda de rosas.  
(...)  
O luar dava-lhe em cheio nas faces esmaecidas pelo sereno da madrugada, e os olhos extremamente belos estavam amortecidos por uma expressão magoada de tristeza indefinível. Algumas gotas de pranto umedeciam-lhe as pálpebras, e tremulavam ainda nas negras pestanas (FREITAS, 2003, p. 35).

A descrição da Funesta corrobora com o relato de Valentim. Ela aparece de noite, vestida de branco, cantando misteriosamente, e, desta vez, Edmundo torna-se uma testemunha ocular da personagem insólita. O caráter sobrenatural dessa aparição é acentuado, ainda, pelas companhias de Diana, o moleque e o cão, citados anteriormente:

Vinha, ali também assentado no banco da proa (...) uma figura negra, peluda, feia de meter medo.

E, para mais confirmar a sua parecença com o rei das trevas, o tal moleque tinha uma cauda que, achando pouca acomodação no banco, se tinha estendido pela borda do bote, e parecia brincar na superfície das águas.

De espaço em espaço, a enorme cabeça de um cão cor de azeviche aparecia e tornava a ocultar-se aos pés da cantora.

O bote passou defronte da janela; a voz foi se perdendo ao longo do rio, até sumir-se (FREITAS, 2003, p. 35).

A beleza da fantasmagórica mulher parece contrastar com a feiura, a estranheza e o grotesco de seus acompanhantes. Se a Funesta suscita medo por se parecer com um espectro, o menino e o cão, além de fisicamente repulsivos, são também associados ao demônio. Ela e o seu séquito desaparecem, deixando Edmundo assombrado diante da cena inesperada e estranha, e, por isso mesmo, insólita. A reação do céptico doutor não é outra senão a de dúvida: “Julgava-se alucinado! Duvidava do testemunho de seus próprios olhos, e para certificar-se de que não sonhava, beliscou com força as mãos, e sentiu-se acordado” (FREITAS, 2003, p. 35-6). Mesmo quando tenta dormir, a imagem da Funesta o persegue tal qual um fantasma, fazendo com que a sua inquietude persista: “(...) voltava-se no leito, frenético de impaciência, porque não podia achar uma explicação razoável para o que acaba de ver.” (FREITAS, 2003, p. 35-6).

Nesse sentido, Edmundo passa a assumir o papel apontado por Filipe Furtado (1980, p.135), para quem esse tipo de narrativa fantástica teria predileção por personagens que ora duvidam ora se convencem dos fenômenos fantásticos a que se submetem. Como ressaltamos anteriormente, essa dúvida é um modo de manter a ambiguidade do fantástico, e serve à caracterização do insólito na principal personagem da obra de Freitas.

Após o encontro entre Edmundo e a moça encantada, a narrativa se desenvolverá por meio das seguidas tentativas do personagem com a finalidade de conhecer a verdadeira identidade da Funesta, e, assim, descobrir se a lenda seria ou não real. Resistindo a tomá-la como um ente sobrenatural, a fascinação de Edmundo pela “mulher fantasiosa” – como chama Diana – leva-o até a caverna onde ela supostamente se esconderia para praticar bruxarias:



(...) descobriu a entrada da gruta; mas tudo ali protestava contra a passagem de um ser humano!

Era impossível penetrar naquela caverna escuríssima, onde esvoaçavam em chusma repugnantes morcegos (FREITAS, 2003, p. 49).

O resultado dessa investigação serve para reforçar o caráter insólito da personagem de Freitas, pois a caverna apresenta provas de que não seria possível, para um ser humano, morar nesse *locus horribilis* escuro e repugnante. Tal qual a própria Funesta, o espaço ficcional é arquitetado de modo a romper com as barreiras do real e da verossimilhança e suscitar nos personagens e nos leitores sentimentos inquietantes tal como medo, assombro e repulsa.

Posteriormente, Edmundo conhece Probo, que, como Valentim, assume também uma função testemunhal na narrativa. Seu relato a respeito dos mistérios da Funesta é importante sobretudo porque ele atribui poderes mágicos à moça encantada – poderes que vão além das bruxarias e diabruras comumente imputadas a ela pelo povo do Ceará:

O poder dessa mulher é protegido por uma sombra de ocultismos terrível, que é de balde procurar vencê-la.

(...)

Deveras, Doutor, ela influi poderosamente sobre toda pessoa que tenta hostilizá-la. Por mais de uma vez senti que me paralisava a língua e uma força oculta me empurrava para trás! (FREITAS, 2003, p. 385)

Muito embora Edmundo escute o relato de Probo com incredulidade, neste ponto da narrativa a lenda da Funesta já está bem consolidada. Diana é, para todos os efeitos, uma personagem fantástica, pois age de forma sobrenatural e possui características místicas. É graças à credulidade do povo de Jaguaribe, e, também, da população das localidades vizinhas, que ela e as suas seguidoras conseguem proteger as mulheres dos perigos aos quais elas estão sujeitas. Afinal, acompanhando a empreitada de Edmundo, ficamos sabendo que essa seria a verdadeira missão da Funesta: ela utiliza os seus supostos poderes para proteger as mulheres dos muitos malefícios cometidos contra elas em sociedade.

Após reunir uma série de provas que comprovariam a veracidade da lenda da Funesta, ao final do romance Edmundo adquire as informações necessárias para refutar o caráter sobrenatural da moça encantada. Essa descoberta é comemorada com entusiasmo pelo doutor, que exclama ter achado a “chave do enigma” (FREITAS, 2003,

p. 367). Essa chave é um diário que assume imediatamente o status de uma referência factual no romance (cf. FURTADO, 2017, p. 94). Sua importância está em negar a figuração insólita da personagem e devolvê-la ao âmbito do sólito, do verossímil:

[Edmundo] julgou ter encontrado a história real da vida daquela mulher extraordinária que se chamava a si mesma Funesta. Mas como, se a sua história era tão ignota como seu próprio reino? Alguém poderia ter dela um fragmento, um fato isolado; toda era impossível. Só ela mesma poderia no íntimo de sua alma elaborar as páginas do sofrer que havia tragado no curso da existência (FREITAS, 2003, p. 367).

O diário funciona, portanto, como um documento de valor incontestável. Ele atesta que, no passado, a moça encantada era, em verdade, uma moça comum que perdera a crença na religião e nos homens e sobrevivera a uma tentativa de suicídio. Após esse trágico acontecimento ela abandona a sociedade, passa a viver em reclusão, e, posteriormente, assume a persona da Funesta e da Rainha do Ignoto – passando da alcunha para o imaginário do povo do interior do Ceará como mulher fantasma que fizera pacto com o demônio. O acesso aos documentos dessa “esfinge” (FREITAS, 2003, p. 367) permite que Edmundo encerre a sua investigação. Tal como ele, nós, leitores, somos convencidos de que Diana não é uma assombração. Neste ponto da narrativa não há mais dúvidas a respeito do caráter insólito da personagem, logo, o romance se encaminha não para um desfecho fantástico, mas para um desfecho de teor realista: a morte de Diana como uma jovem comum, e, conseqüentemente, o fim da lenda da Funesta

## **Conclusão**

Apesar do desfecho de *A Rainha do Ignoto* negar os eventos sobrenaturais que se sucederam ao longo da trama, o romance de Freitas se constitui como integrante do Fantástico, e sua protagonista, uma personagem arquetípica dessa literatura. Concordamos, portanto, com o teórico David Punter (1996, p. 64) para quem a explicação racional dos elementos sobrenaturais não faz da narrativa uma ficção realista, uma vez que a preferência pelo insólito e pelo fantasmagórico evidencia uma preocupação em arquitetar uma ficção nos moldes do Fantástico, com a construção de personagens sobrenaturais em um mundo que se mostra por vezes inverossímil.

Nesse sentido, a verdadeira identidade da Funesta tem menos importância do que as inúmeras aparições insólitas da personagem ao longo da narrativa. Freitas arquitetou Diana de modo a conferir a ela as características de um espectro: o mistério que envolve as suas aparições, as suas ações e poderes sobrenaturais são atestados ora pela superstição da população local ora pelos relatos daqueles que conhecem sua lenda. A Funesta não deixa de ser, de uma forma ou de outra, uma personagem que funciona como uma entidade sobrenatural – pois essa é a função que assume na narrativa. Pode-se concluir, portanto, que Emília Freitas arquitetou sua personagem como a pedra angular da manifestação do fantástico em *A Rainha Ignoto*.

### **Referências**

CAVALCANTE, Alcilene. **Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2008.

COLARES, Otacílio. Apresentação crítica e notas. In: FREITAS, Emília. **A Rainha do Ignoto**. Romance psicológico. 2ª ed. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, Imprensa Oficial do Ceará, 1980.

DUARTE, Constância Lima. A Rainha do Ignoto ou a impossibilidade da utopia. In: FREITAS, Emília. **A Rainha do Ignoto**. 3ª ed. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003. pp. 9-10.

FRANÇA, Júlio. Introdução. In: **Poéticas do mal: a literatura do medo no Brasil (1840 – 1920)**. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017. pp. 19-35.

FREITAS, Emília. **A Rainha do Ignoto**. 3ª ed. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003.

FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

\_\_\_\_\_. **O fantástico: procedimentos de construção narrativa em H. P. Lovecraft**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2017.

GABRIELLI, Murilo Garcia. **A obstrução do fantástico como proscrição da incerteza na literatura brasileira**. Tese de Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Centro de Educação e Humanidades do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

GARCÍA, Flávio. Estratégias narrativas dos novos discursos fantásticos na contística de Murilo Rubião, como via de escape aos interditos dos duros anos da ditadura militar brasileira, em “Botão de Rosa”, de O Convidado (1974). In: **Literartes**. Nº 6. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. pp. 26-45.

MONTENEGRO, Abelardo F. **O romance cearense**. Fortaleza: [s.n.], 1953.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Sob o signo do gótico: o romance feminino no Brasil, século XIX. In: **Veredas**. Nº 10. Santiago de Compostela, 2008. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/142>. Acessado em: agosto de 2018. pp. 295-308.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira: prosa de ficção (1870 a 1920)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PRADA OROPEZA, Renato. El discurso fantástico contemporáneo: tensión semántica y efecto estético. In: **Semiosis**, Tercera época, 2, (3), enero-junio, 2006. pp. 54-76.

PUNTER, David. **Literature of Terror**. Vol. 1. 2nd. ed. London, Longman, 1996.

RIBEIRO, Luís Filipe. A modernidade e o fantástico em uma romancista do século XIX. In: **Cadernos**. III Seminário Nacional Mulher & Literatura. Florianópolis: Universidade Federal de Florianópolis, v. 1, 1989. pp. 135-140.

SILVA, Daniel A. P. Linguagens do insólito: a construção estilístico-textual do grotesco na ficção decadente. In: **Abusões**. Nº 05. V. 05. Ano 03. Rio de Janeiro, 2017.

TZVETAN, Todorov. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castelo. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

## THE CONFIGURATION OF THE FANTASTIC IN *A RAINHA DO IGNOTO* (1899) BY EMÍLIA FREITAS

### Abstract

This paper aims at analyzing the supernatural aspects of the novel *A Rainha do Ignoto*, published in 1899 and written by Emília Freitas. Although the plot is set in the countryside of Ceará, and eventually addresses social issues, the supernatural and unusual situations are the focus of the narrative. For this reason, *A Rainha do Ignoto* can be considered one of the first fantastic novels written by a Brazilian female author, and also one of the first works that flirts with science fiction and utopias in our country. In this sense, we believe that a thorough analysis of Freitas' book must be read through the lens of the theories of the fantastic. We hope to add our own reading of the novel to the most recent efforts that look for an identification of the supernatural aspects of Freitas's novel. The reading will focus on the construction of the protagonist, Diana, as an archetypal character from the fantastic literature in order to demonstrate how her mysterious, almost supernatural behavior contributes to define it as a work that belongs to the tradition of the fantastic in fiction.

### Keywords

Narrative. Nineteenth Century. Fantastic Literature. *Rainha do Ignoto*. Emília Freitas.

---

Recebido em: 18/01/2020

Aprovado em: 04/05/2020